

O TAMBOR DE MINA COMO RESGATE DE INTEGRAÇÃO, SOCIALIZAÇÃO E INCLUSÃO SOCIAL NA COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO SEBASTIÃO DOS PRETOS EM BACABAL (MA)

THE TAMBOR DE MINA AS A RESCUE OF INTEGRATION, SOCIALIZATION AND SOCIAL INCLUSION IN THE QUILOMBOLA COMMUNITY SÃO SEBASTIÃO DO PRETOS IN BACABAL (MA)

Roseana Trindade Sá¹

Ana Lucia Cunha Paixão Gomes²

Walmiria Costa Moraes³

RESUMO

Estudo sobre o Tambor de Mina na comunidade quilombola São Sebastião dos Pretos em Bacabal (MA), fazendo um resgate da cultura popular e a resistência da prática por parte das comunidades tradicionais. Classifica a pesquisa como bibliográfica e campo com abordagem qualitativa realizada por meio de entrevistas com líderes da comunidade. Aborda sobre cultura e suas ideologias e discorre sobre o Tambor de Mina no Maranhão na Comunidade quilombola São Sebastião dos Pretos. Conclui que a prática tradicional do Tambor de Mina em São Sebastião dos Pretos enaltece a identidade negra, sendo marco de resistência e afirmação étnico-racial.

Palavras-chave: Tambor de Mina. Cultura maranhense. Comunidade quilombola. São Sebastião dos Pretos. Bacabal (MA).

ABSTRACT

Study of the Tambor de Mina in the quilombola community São Sebastião dos Pretos in Bacabal (MA), making a rescue of popular culture and the resistance of the practice on the part of traditional communities. It classifies the research as bibliographic and field research with a qualitative approach emphasized by conducting interviews with community leaders. It discusses culture and its ideologies and discusses the Tambor de Mina in Maranhão in the São Sebastião dos Pretos quilombola community. It concludes that the traditional practice of the Tambor de Mina in São Sebastião dos Pretos enhances the black identity, being a landmark of resistance and ethnic-racial affirmation.

Keywords: Tambor de Mina. Maranhão culture. Quilombola community. São Sebastião dos Pretos. Bacabal (MA).

Submissão: 20 jun. 2020

Aprovação: 12 jun. 2020

1 INTRODUÇÃO

O Estado do Maranhão possui ritmos que envolvem várias características, a exemplo das manifestações culturais com diversidades de cores e danças, dentre as

¹ Discente do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão.

² Discente do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão.

³ Discente do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão.

quais se destacam: o Carnaval com os Blocos Tradicionais, o Bumba meu boi, o Tambor de Crioula e o Tambor de Mina. Ressalta-se que, isso é fruto dos povos geradores da nossa sociedade, desenvolvedores das diversas mesclas interculturais, e conseqüentemente, a formação de culturas híbridas, que permite o sincretismo por meio de fusões religiosas ou símbolos tradicionais.

O Tambor de Mina é uma religião e também uma atividade cultural, presente não só no Maranhão, mas em outros estados como Pará e Amazonas, tem sua origem na matriz africana, deixada por negros que foram trazidos para trabalhar no Brasil como mão de obra escrava (FERRETTI, 1996), e perpassados de geração em geração como forma de manter a cultura tradicional, tão viva e presente. A comunidade viabiliza a atividade cultural do Tambor de Mina, buscando a socialização e o resgate cultural da população. Em meio a esse contexto, São Sebastião dos Pretos e o Tambor de Mina, formam um mosaico de tradições, mitos e ritos.

No passado, o Tambor de Mina foi bastante perseguido, como afirma Botelho (2012), por parte da elite que queria impor sua cultura erudita sufocando a cultura popular, esta, porém, conseguiu manter-se viva graças à resistência do povo negro e dos movimentos sociais. Para Chauí (2000), durante um longo período, foi perpassada a ideologia de que a cultura erudita e dominante era melhor e superior à cultura popular.

O interesse pela pesquisa se deu a partir da Disciplina Antropologia, estudada no Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão, oriundo de estudos a respeito da cultura popular maranhense. A relevância desse estudo se dá em poder resgatar parte da cultura popular que no passado e ainda hoje, é vista de forma preconceituosa. Além disso, mostra-se a resistência dos povos tradicionais por meio da cultura com vistas a contribuir com o conhecimento científico e a valorização da cultura popular maranhense.

O foco desta pesquisa é compreender a dimensão social e cultural do Tambor de Mina para a comunidade quilombola São Sebastião dos Pretos. Paralelo a isso, os objetivos específicos são: identificar estudos que abordem o Tambor de Mina; descrever a comunidade São Sebastião dos Pretos localizada em Bacabal (MA), a fim de saber como se dá essa manifestação cultural na comunidade; relatar a

importância do Tambor de Mina para a cultura maranhense, bem como a efetivação de políticas públicas para a manutenção dessa herança cultural.

O empirismo, o materialismo dialético, a fenomenologia e o estruturalismo foram correntes do pensamento, surgidos na Ciência, que norteiam o caminho do conhecimento, embasando-os na abordagem dos métodos qualitativo e quantitativo.

E, em relação à fenomenologia, observa-se que:

[...] enfatiza os aspectos subjetivos do comportamento humano e preconiza que é preciso penetrar no universo conceitual dos sujeitos para poder entender como e que tipo de sentido eles dão aos acontecimentos e às interações sociais que ocorrem em sua vida diária. O mundo do sujeito, as suas experiências cotidianas e os significados atribuídos às mesmas são, portanto, os núcleos de atenção na fenomenologia. (ANDRÉ, 1995, p. 15).

Segundo André (1995), provém da fenomenologia a abordagem qualitativa, no entanto, a referida autora afirma que, essa abordagem na pesquisa científica tem sido muito usada de forma genérica, principalmente ao se diferenciar do quantitativo, levando-se em consideração apenas uso numérico.

Nesse sentido, André (1995, p. 21) evidencia que:

[...] reservaria os termos quantitativo e qualitativo para diferenciar técnicas de coleta ou, até melhor, para designar o tipo de dado obtido, e utilizaria denominações mais precisas para determinar o tipo de pesquisa realizada: histórica, descritiva, participante, etnográfica, fenomenológica etc.

Desse modo, o método utilizado nesta pesquisa foi o qualitativo, pois, as técnicas utilizadas na coleta de dados foram a entrevista e a observação direta para apresentar o Tambor de Mina em São Sebastião dos Pretos, visitado em dezembro de 2017.

Num primeiro momento foram realizados o levantamento e a leitura do material bibliográfico necessário ao desenvolvimento do tema. Ao abordar a relevância da pesquisa bibliográfica, Severino (2007) diz que esta se realiza a partir do registro disponível, fruto de pesquisas anteriores, nos livros, artigos, teses etc., que são utilizados os dados ou categorias teóricas trabalhadas e devidamente registradas de outros autores.

Sendo assim, a outra etapa da metodologia foi a observação direta do ambiente onde se concentrou o universo do trabalho, o povoado São Sebastião dos Pretos, na cidade de Bacabal (MA), onde em dois momentos de visita pode-se analisar a atuação dos atores sociais que, diretamente, estão envolvidos na efetivação deste processo.

A técnica utilizada na pesquisa foi a entrevista semiestruturada, pois esta permite a flexibilidade na condução das perguntas de forma imparcial, objetiva e direta, evitando-se questões inadequadas e desordenadas. Para Rudio (1986, p. 92) “[...] na entrevista, as perguntas são feitas oralmente, quer a um indivíduo em particular, quer a um grupo, e as respostas são registradas geralmente pelo próprio entrevistador.”.

A entrevista foi realizada com os líderes da comunidade: Dionézio Azevedo e Eraldo Reis, atores sociais que estão na coordenação dos trabalhos da comunidade e a moradora Detinha, que participa diretamente com o Tambor de Mina. Teve uma sequência lógica que permitiu a unidade e a eficácia das informações, dando ao entrevistado a visão relevante dos objetivos e, com isso, norteando as respostas pretendidas. Após a visita *in loco*, organizaram-se os dados coletados para compreensão e discussão à luz do referencial teórico.

No decorrer do trabalho apresenta-se a cultura, conceituando-a nas formas erudita e popular, e a influência da cultura global sobre a cultura local. Descreve-se o Tambor de Mina no Maranhão, apresenta ainda o município de Bacabal pertencente ao Estado do Maranhão, onde se localiza a comunidade de São Sebastião dos Pretos, abordando-se aspectos da comunidade referindo-se à prática do Tambor de Mina e, por fim, aspectos que concluem a pesquisa.

2 CULTURA E SUAS IDEOLOGIAS

Entende-se por cultura, algo que engloba o modo de vida de um povo pertencente a determinada comunidade, num estado, num país, e varia no modo de vestir-se, falar, assim como aspectos sociais, políticos e econômicos. Chauí (2000, p. 372, grifos da autora) apresenta definições para cultura de acordo com as mudanças no decorrer do tempo,

A Cultura era o cultivo ou a educação do espírito das crianças para tornarem-se membros excelentes ou virtuosos da sociedade pelo aperfeiçoamento e refinamento das qualidades naturais (caráter, índole, temperamento); a partir do século XVIII, Cultura passa a significar **os resultados** daquela formação ou educação dos seres humanos, resultados expressos em obras, feitos, ações e instituições: as artes, as ciências, a Filosofia, os ofícios, a religião e o Estado. Torna-se sinônimo de **civilização**, pois os pensadores julgavam que os resultados da formação-educação aparecem com maior clareza e nitidez na vida social e política ou na vida civil (a palavra *civil* vem do latim: *cives*, cidadão; *civitas*, a cidade-Estado).

A cultura pode ser estudada por diferentes olhares de pesquisadores, como os sociólogos, historiadores, antropólogos, e outros, cada um desses define a cultura de acordo com seu objeto de investigação da sociedade. Em relação aos antropólogos, Chauí (2000) diz que, estes veem a cultura sob três dimensões: a primeira é a criação da ordem simbólica da lei, a qual se tem obrigações e onde atribui-se valores às coisas; a segunda é a criação da ordem simbólica da linguagem, onde os símbolos representam ou interpretam a realidade, e que fazem sentido para o homem; e o terceiro é o conjunto de práticas, comportamentos, ações e instituições, nos quais o homem se relaciona entre si e a natureza.

Santos (2006) evidencia que o estudo da cultura traz várias discussões. Dessa forma torna-se importante estudar a cultura não só para entendê-la como também para respeitar a cultura do outro. O referido autor apresenta duas concepções para cultura, e lembra que as ciências sociais utilizam o segundo sentido, pois a

Cultura pode por um lado referir-se à alta cultura, à cultura dominante, e por outro, a qualquer cultura. No primeiro caso, a cultura surge em oposição à selvageria, à barbárie; cultura é então a própria marca da civilização. Ou ainda, a alta cultura surge como marca das camadas dominantes da população de uma sociedade; se opõe à falta de domínio da língua escrita, ou à falta de acesso à ciência, à arte e à religião daquelas camadas dominantes. No segundo caso, pode-se falar de cultura a respeito de qualquer povo, nação, grupo ou sociedade humana. Considera-se como cultura todas as maneiras de existência humana. (SANTOS, 2006, p. 35).

No contexto atual, com a influência da globalização e do mercado midiático, a cultura tem sofrido transformações, o que se denomina como cultura global, que é a universalização de uma única cultura, algo muito complicado tendo em vista a diversificação dos povos.

Com a globalização outros hábitos foram adquiridos, por exemplo, na alimentação, nas vestimentas, nos gostos e nos hábitos musicais, com forte influência inclusive de outros países, os desejos são reproduzidos pela comunicação de massa, a televisão, e por meio das redes sociais. Sendo assim, percebe-se que

Em tempos de globalização não há surpresa em tais cenas. Há, contudo, dúvidas se as culturas regionais e locais irão sobreviver à hegemonia de fluxos culturais globais que podem estar em vias de se transformar em uma cultura global. A dúvida torna-se preocupação quando se coloca na equação a probabilidade dessa cultura global submeter as manifestações locais a um processo de standardização e homogeneização a tal ponto de já não se reconhecerem as culturas tradicionais, em um futuro onde elas poderiam ser completamente suplantadas pelo global. (SOUSA, 2011, p. 3).

Contudo, torna-se necessário ressaltar a resistência das culturas tradicionais, por meio dos movimentos sociais que trouxeram o reconhecimento da cultura popular como patrimônio cultural deixado pelos negros e pelos indígenas, perpassando as gerações e que tem se tornado fonte de pesquisas e novos estudos.

No cenário econômico, cabe ressaltar que o Maranhão durante o Período Colonial ganha destaque sendo um dos principais exportadores do algodão na metade do Século XVIII (ROCHA, 2016). Com a Revolução Industrial e o desenvolvimento da indústria têxtil, a produção do algodão só aumenta, “[...] nesse sentido o Maranhão segue em posição ascendente referente ao mercado agroexportador do algodão- e o arroz em menor escala- [...]” (ROCHA, 2016, não paginado).

Ressalta-se ainda o apogeu na produção do açúcar, e a criação das fábricas têxteis já no final do Século XIX, sendo a mão de obra nesse período, escrava. Para Rocha (2016, não paginado) “Voltando aos negócios agroexportadores do algodão e açúcar, vale destacar que para a ocorrência destas atividades produtivas foi utilizada a mão-de-obra escrava de negros africanos e seus descendentes.” e, nesse sentido observa-se que,

A Revolução Industrial estimulou o mercado para o algodão, e o Maranhão estava capacitado para o seu cultivo, por oferecer condições climáticas e ecológicas satisfatórias. Seguindo as políticas mercantilistas do Marquês de Pombal, as quais incluíam a criação de uma companhia monopolista de comércio, a Província recebeu o aporte de capital necessário para iniciar a produção em larga escala, na forma de empréstimos aos fazendeiros, garantias de transporte da produção e financiamento das importações maciças de escravos da África [...] O Maranhão tornou-se o segundo maior produtor brasileiro de algodão, e o algodão, por sua vez, o segundo produto de exportação brasileiro, depois do açúcar, no final do período colonial [...] (ASSUNÇÃO, 2015, não paginado).

Como resistência à escravidão, ao redor de muitas fazendas, no meio da mata fechada, os escravizados buscando o resgate da liberdade, organizaram-se em comunidades, denominadas de quilombos, na qual destacamos a comunidade São Sebastião dos Pretos, em Bacabal (MA), que se deu pela formação de quilombo (ASSUNÇÃO, 2000 apud ROCHA, 2016).

Já no final do Século XIX, o Maranhão se destaca na comercialização da farinha de mandioca e do milho e no Século XX, o ciclo do babaçu (ROCHA, 2016). Paralelamente à economia, tem-se a riqueza cultural com destaque para as cidades de Caxias, conhecida como a “Princesa do Sertão” e São Luís (capital maranhense),

conhecida pela alcunha “Atenas Brasileira” devido aos seus poetas. No entanto, nesses períodos em destaque, a elite maranhense tentou impor sua cultura dominante e, por meio dos aparatos coercitivos do Estado reprimia a cultura popular, em especial a cultura negra, a qual foi tão rejeitada. Nesse sentido Botelho (2012, p. 143, grifos nossos) afirma que:

A cultura negra, por exemplo, era além de rejeitada, proibida, perseguida pela elite, representadas pelas leis e aparelhos do estado através da polícia. Nesse sentido, a repressão ao controle social encetada pela classe dominante da época. No entanto, a cultura popular maranhense do século XIX, era bastante resistente e diversificada, envolvia diversos rituais, expressões e lendas. A Festa do Divino Espírito Santo ocupava lugar entre os rituais populares, havia irmandades negras dedicadas à Nossa Senhora do Rosário, crença em mãe-d’água, curupira e curacanga, que se originam das tradições indígenas. A essas crenças somam-se outras como os **rituais dos jejês e nagôs** que revelam a riqueza da cultura afro-maranhense, o **tambor de mina**, o **tambor de crioula** e nas áreas rurais o **terecô**, além das ‘caixas’.

Destaca-se aqui o Tambor de Mina, que hoje tem seu espaço na cultura maranhense, denominado nas zonas rurais do Maranhão, de terecô, como afirma Botelho (2012), tornando-se a principal atividade religiosa e conseqüentemente cultural da comunidade quilombola São Sebastião dos Pretos, e fonte de estudo deste trabalho. Segundo Ferretti (2008), as pesquisas sobre Tambor de Crioula e Tambor de Mina, foram organizadas por Mário de Andrade, que esteve no Nordeste e em São Luís (MA).

2.1 Tambor de Mina no Maranhão

No Maranhão, o Tambor de Mina ocupa um espaço de privilégio devido a sua divulgação, visto que:

O Maranhão é conhecido como principal centro de preservação da cultura *jeje-dahomeana* do Brasil, embora a maioria dos terreiros de mina reproduza principalmente o modelo da Casa de Nagô e não o da Casa das Minas (jeje). [E] [...] alguns terreiros de mina que também cultuam *voduns* do *Daomé*, procuram se legitimar no campo religioso afro-brasileiro afirmando possuir alguma ligação com ela ou com suas fundadoras africanas [...] (FERRETTI, 2001, p. 75, grifos do autor).

Percebe-se no Maranhão, a presença de dois tipos de Tambor de Mina: Mina Nagô e Mina Jeje. A derivação Mina Jeje é a mais antiga que se estabeleceu tendo como base o terreiro mais antigo do Maranhão, em torno da Casa Grande das Minas Jeje que teve sua fundação no ano de 1840. Já o outro terreiro é quase da mesma época, a Casa de Nagô. Fato este narrado por Oliveira (1989 apud FERRETTI, 2001, p. 76-77):

No Maranhão, três casas construíram sua identidade tomando especialmente como referência uma 'nação africana': a Casa das Minas-Jeje, a Casa de Nagô e a Casa Fanti-Ashanti. De acordo com a tradição oral, as duas primeiras foram fundadas bem antes da promulgação da 'Lei Áurea' (em 1888), que aboliu a escravidão no Brasil, e teriam quase a mesma idade: a Casa das Minas, por Maria Jesuína, dahomeana que teria entrado no Maranhão como contrabando; e a Casa de Nagô, por duas africanas: Josefa (nagô) e Joana (cambinda ou 'agrôno') que, segundo alguns, era de Angola. A Casa Fanti-Ashanti foi aberta com o nome de 'Tenda de São Jorge Jardim de Ueira' em 1958, por Euclides Ferreira, ligado ao Terreiro do Egito, matriz da Mina fanti-ashanti (já desaparecido) [...]

Sobre o modelo de Tambor de Mina, aquele mais seguido no Maranhão, enfatiza Ferretti (2001, p. 77) que "Apesar do Maranhão ser conhecido como 'terra de Tambor de Mina' e principal centro de preservação da cultura *jeje-dahomeana* do Brasil, a maioria dos terreiros de Mina maranhenses reproduz principalmente o modelo nagô.". A respeito da realização dos cultos de matriz africana aqui no Maranhão, sabe-se que:

A maioria dos terreiros afro-brasileiros atuais foram abertos por pessoas que não têm vinculação direta a terreiros fundados por africanos, mas, como essa vinculação é muito valorizada, tanto pelos terreiros 'de raiz' como pelos terreiros que obtiveram seus 'fundamentos' em fontes diversas, os representantes nem sempre revelam como ou com quem aprenderam certas rezas, cantos, mitos, palavras, etc. Para não serem taxados de 'terreiros de livros' ou para não ensinarem o caminho a seus concorrentes, deixam muitas vezes de indicar suas fontes [...] (FERRETTI, 2001, p. 89).

Desta forma é nítida como são preservadas as tradições e ensinamentos do Tambor de Mina e como os novos terreiros tentam se adequar para se fidelizar às origens africanas. Durante o ritual, a entrada em transe que acontece nas cerimônias de Tambor de Mina é tão discreta quanto a religião, fato verificado pelas autoras em visita a Casa Fanti-Ashanti, situada na Rua Militar, Cruzeiro do Anil, São Luís (MA).

Em geral se pode perceber que uma pessoa entrou em transe por alterações em suas vestimentas como a adição de uma toalha branca amarrada na cintura ou mesmo pelo uso de um lenço preso na mão ou no braço. Os participantes devem girar muitas vezes no sentido oposto ao dos ponteiros do relógio numa dança que oferece um lindo espetáculo para quem assiste.

Observa-se na religião Tambor de Mina maior participação de mulheres. Devido a isso alguns especialistas se referem à religião como sendo um matriarcado uma vez que as mulheres são responsáveis pelo comando. Uma das principais funções dos homens nessa religião é tocar tambores que são os chamados abatás,

o que faz com que sejam chamados de abatazeiros. Também cabe aos participantes homens realizar atividades como matar animais e fazer alguns tipos de transporte. Existem casas de Tambor de Mina que são dirigidas por homens e que dessa forma contam com mais participantes homens até mesmo nas rodas de dança.

3 SÃO SEBASTIÃO DOS PRETOS: comunidade quilombola de Bacabal (MA)

Bacabal é um município do Estado do Maranhão, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2017), se estende por 1.683,1 km² e contava com 100.114 habitantes no último censo de 2010 e a população estimada para 2017 de 103.359 habitantes. A densidade demográfica é de 59,43 habitantes por km² no território do município. Faz divisa com os municípios de São Luís Gonzaga do Maranhão, Bom Lugar e Lago do Junco. O clima é quente e úmido, porém seco nos meses entre setembro e dezembro, nos quais registram as maiores temperaturas. Quanto ao aspecto religiosidade foi verificada a religião católica, evangélica e cultos de matriz africana.

São Sebastião dos Pretos (Figura 1), comunidade quilombola, está localizado a 15 km do município de Bacabal, em uma área de 1.010 ha, formada há aproximadamente 350 anos, segundo relato de um dos líderes, o senhor Dionézio Azevedo, conhecido como “Seu Léo”. A origem do nome da comunidade se deve à doação da imagem de São Sebastião por um morador vizinho do lugarejo Centrim, que foi adotado como patrono.

Figura 1 - São Sebastião dos Pretos



Fonte: Autoras

As origens dos primeiros moradores são de feitorias de Pedreiras, município maranhense com grande contingente populacional de negros concentrados nas fazendas de algodão e arroz da região do Médio Mearim e São Luis Gonzaga. De acordo com Santos, Reis e Oosterbeek (2010, não paginado):

R. Bibliomar, São Luís, v.19, n. 1, p. 174-190, jan./jun. 2020.

[...] a ocupação do território inicialmente liderada por 4 negros fugitivos, vindos da região do Seringal, para essas terras doadas, que posteriormente receberam o nome de São Sebastião, em homenagem ao Santo lá recebido. Diante dos relatos dos mais velhos, o território apresentava uma abundância de mata, como também a existência de dois grandes lagos, de nome Lago Limpo e Gamileira, ficando nas extremidades, fronteira com outros povoados, facilitando assim a sobrevivência, comunicação e fuga.

Os vestígios dos primeiros negros que vieram se refugiar nestas terras, é sentida através de objetos encontrados (Figura 2), como uma panela de ferro, com cerca de 80 kg e um baú. Durante muito tempo o povoado foi ocupado ainda com características do passado, porém com o processo de organização e estruturação social, surgem novas unidades familiares, com evidentes relações de parentesco, fazendo a transição de antigos negros, escravos fugidos a negros libertos, estes já na condição de herdeiros (SANTOS, REIS, OOSTERBEEK, 2010).

Figura 2 - Panela de ferro



Fonte: Autoras

O acesso ao povoado é feito por uma estrada vicinal, ficando intrafegável quando o inverno é muito rigoroso. A comunidade é composta por 65 famílias, totalizando 250 pessoas aproximadamente. A economia é de subsistência, identificada pela roça de toco, caracterizada pela limpeza de uma grande área de mata nativa, demarcada por linha (que segue os padrões de medição do grupo) seguida de queimada e posteriormente cultivo, seja do arroz, do feijão e/ou da mandioca para a fabricação de farinha.

Complementa essa realidade a pesca, a colheita e a quebra do coco babaçu, uma palmeira dominante e nativa na área, sendo esta última, a atividade dominante das mulheres do povoado, conhecidas como quebradeiras de coco, presente em outros municípios do Estado.

Segundo relatos do “Seu Léo” (líder da comunidade), a partir de 1995 foi descoberto que as terras em que viviam eram devolutas, gerando a partir disso, a

luta pela demarcação e a documentação legal de sua área territorial, e a organização da comunidade por meio da Associação de Moradores Produtores e Produtoras Rural do Quilombo São Sebastião dos Pretos. Santos, Reis e Oosterbeek (2010, não paginado) acrescentam informações a este dado ao dizerem que:

O povoado contou com apoio de vários setores da sociedade, entre eles políticos e a igreja católica, na pessoa do Frei Hermano que os ajudou nos primeiros encaminhamentos de organização da comunidade e na construção de uma melhor infraestrutura ao local, como exemplo a construção da casa de farinha, além da doutrinação no catolicismo religioso.

A certidão de Comunidade Quilombola foi dada pela Fundação Cultural Palmares no dia 25 de novembro de 2003 (Figura 3). Vale ressaltar o papel das entidades ligadas ao segmento étnico no que tange à conquista legal dos territórios, o caso da Associação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas do Estado do Maranhão (ACONERUQ), que tem um papel determinante para a conquista do reconhecimento da terra às inúmeras comunidades existentes não só na região em destaque, mais em todo o território maranhense.

Figura 3 - Notícia da certidão de terra recebida pela comunidade



Fonte: Autoras

O povoado de São Sebastião dos Pretos possui a escola e a igreja dominando o espaço central da comunidade, as casas do local foram construídas em adobe (tijolos de barros feitos de forma artesanal), e substituídas por alvenaria, embora ainda tenha as de taipa (feitas com barros, madeira e coberta de palha).

As manifestações culturais existentes na comunidade são fatores importantes de unidade e integração entre os moradores, destacando o Tambor de Mina/terecô, o Bumba meu boi e o Tambor de Crioula. O sincretismo religioso é marcante, perceptível na Igreja Católica (Figura 4) existente no lugar, com a variedade dos santos espalhados ao longo do altar e os espaços dedicados ao

tambor de mina ao lado da Tenda de São Sebastião, ao falar do catolicismo popular e da mistura entre religiões, comum principalmente na zona rural “Seu Léo” enfatiza que *“O padre que celebra na comunidade, entende esta situação e não se incomoda com esta diversidade.”*

Figura 4 - Sincretismo religiosos na Igreja católica



Fonte: Autoras

Santos, Reis e Oosterbeek (2010) ressaltam que muitos foram os benefícios já alcançados pelo povoado, entre eles o reconhecimento da comunidade como área remanescente de quilombo junto à Fundação Cultural Palmares. A energia elétrica, um poço artesiano para o abastecimento de água à comunidade, a estrada foram uma grande conquista para a comunidade, destaque também as casas de alvenaria e forno de farinha, construídos com recursos do Governo Federal em 2003. A seguir, apresenta-se o Tambor de Mina da comunidade.

4 TAMBOR DE MINA NA COMUNIDADE SÃO SEBASTIÃO DOS PRETOS

O Tambor de Mina ocupa um espaço privilegiado na cultura maranhense como afirma Ferretti (2001) e Botelho (2012), e não seria diferente na Comunidade Quilombola São Sebastião dos Pretos. Sendo que o Maranhão é o principal Estado onde se pratica essa manifestação cultural, mas com uma diversificação do ritual, o que enriquece mais ainda a cultura, conforme diz Botelho (2012).

Na comunidade quilombola São Sebastião dos Pretos, há várias atividades culturais e religiosas, como o festejo de São Sebastião, que segundo o morador Dionésio Azevedo, na pesquisa realizada em 2017, informou:

Ocorre entre o período de 06 a 20 de janeiro; a festa do Divino Espírito Santo que acontece em agosto, o Tambor de Crioula, que geralmente acontece durante o festejo de São Sebastião, ou quando tem alguma outra festa no local, porém é o Tambor de Mina que predomina.

Cabe ressaltar que durante os festejos de São Sebastião e festa do Divino a igreja Católica acompanha. Algo comprovado na fala do entrevistado: “O terecô é uma religião e aí também vem dos antepassados. [...] e aqui tem Tambor de Crioula, aqui tem Bumba meu boi, aqui tem Divino Espírito Santo, e é tudo muito forte.”.

Quanto ao Tambor de Mina, além de atividade cultural, é uma religião, praticada na comunidade São Sebastião dos Pretos. No Tambor de Mina “[...] são cultuadas e recebidas, em transe, entidades espirituais africanas (*voduns* e *orixás*) e entidades espirituais que começaram a ser conhecidas pelos negros no Brasil (*gentis* e *caboclos*).” (FERRETTI, 1993, p. 25 apud BOTELHO, 2012, p. 261). Importante ressaltar, que o nome dado ao Tambor de Mina é “terecô”, típico do Maranhão, segundo Botelho (2012) esse nome é muito popular na zona rural do Maranhão, como observado na Comunidade de São Sebastião dos Pretos.

Botelho (2012) diz que durante muitos anos, principalmente no período Colonial e do Império, o Tambor de Mina foi perseguido pelo Estado, e aqueles que cultuavam essa atividade, eram acusados de curandeirismo e magia. O Estado procurava inibir essa manifestação, invadindo terreiros, agredindo e até prendiam os manifestantes.

Uma possível consequência desse controle social a essa cultura e religião, foi o preconceito que sofreram e que ainda sofrem nos dias atuais, e em São Sebastião dos Pretos, ao conversar com Dona Betinha, participante da pesquisa, que além de parteira também dança o terecô, verificou-se um pouco de receio para falar de como acontece o ritual e as características do Tambor de Mina. Mas conquistada a confiança de Dona Betinha, esta nos informou que “*Além de dançar, também organiza o Tambor de Mina que geralmente ocorre em setembro, e ao lado da sua casa existe um terreiro, que é o local onde acontece o terecô.*”.

Em São Sebastião dos Pretos, o Tambor de Mina é uma das manifestações culturais que une toda a comunidade. Nela foi observado que há muitas crianças e jovens, que de acordo com Senhor Eraldo (2017), por conta do acesso à informação, os jovens estão perdendo o interesse pela tradição da cultura. Eles participam, mas apenas alguns dançam.

Sobre as vestimentas (Figura 5), Dona Betinha, que está à frente da organização do terecô, afirma que há roupas próprias para a dança e que é a comunidade que ajuda na confecção, isso por não existe apoio financeiro e

patrocínio vindo da Secretária da Cultura. No dia da festa além de dança, tem a comida que é dada para as pessoas, onde a comunidade se reúne em forma de mutirão e todos contribuem para prepará-la.

Figura 5 - Vestimenta usada no Tambor de Mina



Fonte: Autoras

A participação no Tambor de Mina não é apenas da comunidade quilombola, mas a dança e o ritual em si, são praticados apenas pelos moradores dançantes, conforme relatado pelo Senhor Eraldo o qual conta que há divulgação da festa para outras comunidades, existindo uma preocupação deles em fazer com que a festa não seja restrita, para que outras pessoas de lugares próximos possam ver e apreciar essa rica cultura.

Diante do exposto, observa-se a importância do Tambor de Mina para a comunidade, conforme afirmaram os entrevistados, ao dizerem que é a grande herança deixada pelos antepassados, ou seja, os negros que fundaram o quilombo, sendo que Tambor de Mina existe desde o surgimento da comunidade. O que preocupa, segundo os antigos moradores, é um pouco o distanciamento dos jovens, e disseram que quando tem pessoas de fora, eles têm vergonha de dançar o Tambor de Crioula.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho conceituou-se o que é Cultura e suas visões entre erudita e popular, a partir dessas características presentes, delimita-se o estudo na cultura popular, como forma de mostrar sua diversidade e riqueza, em especial da comunidade remanescente de quilombo - São Sebastião dos Pretos, em que foi percebido um conjunto de símbolos que marca e caracterizam tradições africanas e afro-brasileiras.

Dentre as manifestações culturais, destacamos o Tambor de Mina, como tradição cultural presente na comunidade remanescente de quilombo São Sebastião dos Pretos, que enaltece a identidade negra presente neste lugar, sendo um marco de resistência e afirmação da identidade étnico-racial.

A discussão a respeito de Cultura fez perceber que ela tem movimentos. E esses movimentos são originados das mudanças ocorridas na sociedade. Na atualidade, se observa as transformações culturais, e em São Sebastião dos Pretos não é diferente, na qual, com o advento das tecnologias a perpetuação das tradições sofre devido ao desinteresse dos mais novos.

Logo o Tambor de Mina é um ato de crença e de fé presente em São Sebastião dos Pretos. É considerado instrumento de resistência, para combater a intolerância ou a não compreensão desta manifestação, fazendo-se necessário um trabalho de preservação das heranças dos ancestrais desses grupos que, somadas às transformações, geram condições de preservação desta manifestação religiosa.

Percebeu-se que tal prática perpetua-se por muitas gerações, mantidas a partir do repasse cultural, traz informações que se originaram dos ancestrais e das vivências com o entorno no qual estiveram inseridas, dos valores cotidianos dessas comunidades, proporcionando conhecimento e respeito, fazendo da comunidade remanescente de quilombo - São Sebastião dos Pretos, local de preservação de valores e identidades racial e cultural.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli. A abordagem qualitativa de pesquisa. *In*: ANDRÉ, Marli. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papyrus, 1995. cap. 1, p. 13-22. Disponível em: <http://lab.cua.ufmt.br/lepega/file/2018/03/etnografia.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2020.

ANDRÉ, Marli. Diferentes tipos de pesquisa qualitativa. *In*: ANDRÉ, Marli. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papyrus, 1995. cap. 2, p. 23-28. Disponível em: lab.cua.ufmt.br/lepega/file/2018/03/etnografia.pdf. Acesso em: 16 jun. 2020.

ASSUNÇÃO, Mathias Rohrig. Cultura popular e sociedade regional no Maranhão do século XIX. **Revista de Políticas Públicas**, São Luís, v. 3, n. 1, p. 29-66, 2015. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?um=1&ie=UTF-8&lr&cites=240575727954952111>. Acesso em: 10 dez. 2017.

BOTELHO, Joan. Tambor de mina: a tradição negra na Casa das Minas. *In*: BOTELHO, Joan. **Conhecendo e debatendo a história do Maranhão**. São Luís: Fort Gráfica, 2012.

R. Bibliomar, São Luís, v.19, n. 1, p. 174-190, jan./jun. 2020.

BOTELHO, Joan. A cultura maranhense no Império: das manifestações populares ao mito da Atenas Brasileira. *In*: BOTELHO, Joan. **Conhecendo e debatendo a história do Maranhão**. São Luís: Fort Gráfica, 2012.

CHAUÍ, Marilena. O mundo da prática. A vida política. *In*: CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000. unidade 8, cap. 1, p. 366-378. E-book. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/533894/mod_resource/content/1/ENP_155/R eferencias/Convitea-Filosofia.pdf. Acesso em: 10 dez. 2017.

FERRETTI, Mundicarmo. Pureza nagô e nações africanas no Tambor de Mina do Maranhão. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 3, n. 3, p. 75-94, 2001. Disponível em:

<http://www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/As%20nacoes%20da%20mina.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2017.

FERRETTI, Mundicarmo. Tambor de Mina e Umbanda: o culto aos caboclos. **CEUCAB-RS: O Triângulo Sagrado**, Porto Alegre, ano 3, n. 39, 1996. Disponível em: <https://repositorio.ufma.br/jspui/bitstream/1/205/1/Mina%20e%20Umbanda.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2017.

FERRETTI, Sergio. **Contribuição cultural do negro na sociedade maranhense**. São Luís: UFMA, 2008. Trabalho apresentado em Mesa Redonda no Curso de Letras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Bacabal, Maranhão, Brasil**. [S. l.: s. n.], 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/bacabal/panorama>. Acesso em: 15 dez. 2017.

ROCHA, Fabiano e Silva. História econômica brasileira: atividades econômicas e a exploração da força de trabalho agrícola. *In*: ROCHA, Fabiano e Silva. **Trabalho e economia familiar agrícola: considerações sobre o processo de reconfiguração dos comportamentos econômicos dos moradores da Vila Cariongo em Santa Rita - MA**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas, São Luís, 2016. cap. 1.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

SANTOS, Geysa; REIS, Milena; OOSTERBEEK, Luiz. **Quilombos e globalização: um estudo arqueológico sobre identidades e mecanismos de adaptação**. [S. l.: s. n.], 2010. Disponível em: http://projetoportoseguro-maranhao.blogspot.com/2010/02/quilombos-e-globalizacao-um-estudo_28.html. Acesso em: 10 dez. 2017.

SANTOS, José Luís dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUSA, Li-Chang Shuen Cristina Silva. Cultura global e identidades locais: conflitos culturais na interface da globalização. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 15., 2011, Curitiba. **Anais eletrônicos** [...]. Curitiba: UFPR, 2011. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/71233940/Cultura-Global-e-Identicidades-Loicais>. Acesso em: 10 dez. 2017.